

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ANA PAULA DE SANTOS MACHADO

BALANÇO GERAL RS:
A BUSCA DA IDENTIFICAÇÃO COM OS GAÚCHOS

PORTO ALEGRE
2018

Ana Paula de Santos Machado

BALANÇO GERAL RS:

A busca da identificação com os gaúchos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello.

PORTO ALEGRE

2018

AGRADECIMENTOS

A conclusão de uma graduação não se dá sem a compreensão e apoio das pessoas que nos circundam. O período da faculdade exige bastante de nós e é imprescindível que agradeçamos a estas pessoas por fazerem parte deste processo tão importante. Portanto, em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Carlos Alberto Machado e Anajara Santos, que, desde a escolha do curso de Jornalismo até a etapa final, estiveram comigo, apoiando-me em minhas decisões e me proporcionando a oportunidade e o privilégio de estudar numa universidade pública como a UFRGS. Sem o cuidado de vocês, não chegaria onde estou agora.

Minha gratidão ao Lucas Stanislawski, que desde 2016 tem estado comigo nesta jornada. Agradeço por todos os momentos que tivemos, desde o auxílio na graduação, até os momentos de diversão e descanso. Obrigada por todo o apoio, carinho e amor tão leves que tem me proporcionado até aqui.

Ao Coral da UFRGS, que desde 2015 tem sido minha válvula de escape na qual encontrei uma rede de pessoas que, através da música, tem me proporcionado momentos de alegria, confraternização e amizade, fazendo com que o período da graduação fosse mais agradável. Aos amigos que criei neste grupo tornaram minha vida muito mais alegre. Obrigada por oferecerem momentos felizes e por compartilharmos também os acontecimentos tristes.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por abrir as portas para que pessoas como eu possam ter o privilégio de estudar numa instituição de ensino de qualidade como esta. Agradeço também ao meu orientador, Prof. Dr. Flávio Porcello que, incansavelmente, mostrou-se disposto a fazer com que este trabalho de conclusão de curso fosse feito da maneira mais agradável possível. Obrigada, professor, por todo o ensino e conhecimento transmitidos em Jornalismo e, mais especificamente, em Telejornalismo. Este trabalho não teria o mesmo valor se não fosse sua dedicação para tornar este processo tão plácido como foi, sempre em busca de um denominador comum.

A finalização deste trabalho não se daria sem o apoio de Greetchen Ihitz, chefe de redação da Record TV RS. Agradeço imensamente pela oportunidade de poder entrar na emissora para que esta pesquisa pudesse ser feita de maneira mais autêntica, sob um olhar atento ao que acontecia na redação. Minha gratidão ao jornalista Alexandre Mota pela sua disponibilidade e atenção dedicados para a produção desta pesquisa. A entrevista e observação *in loco* foram imprescindíveis para que este trabalho de conclusão de curso obtivesse a qualidade que possui.

*“O jornalismo é, antes de tudo e sobretudo, a prática
diária da inteligência e o exercício cotidiano do
caráter.”*

Alberto Dines

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer a análise do programa Balanço Geral RS, estudando de que maneira se constrói o programa, bem como os recursos narrativos audiovisuais que são empregados na atração. Para tal, se utilizará a metodologia de análise de Laurence Bardin, que formulou categorias a fim de estabelecer uma configuração que possibilitasse o estudo. O formato do Balanço Geral RS torna-se objeto de estudo a partir do momento em que sua configuração acaba por ameaçar a hegemonia da afiliada da Rede Globo em termos de audiência. Comandado há 10 anos pelo jornalista Alexandre Mota, o Balanço Geral RS adotou uma linguagem mais popular, ganhando a audiência de camadas da sociedade que não eram ouvidas pela concorrência. Sendo assim, a pesquisa busca compreender de que maneira essa fidelização do telespectador acontece. Isto é imprescindível para que possamos discutir acerca dos recursos empregados pelo apresentador para que o seu público-alvo se identifique com a atração e com quem o apresenta. Para isso, o trabalho utiliza como base à pesquisa os conceitos desenvolvidos pelos autores Guy Debord (1997) e José Arbex Jr. (2001), que abordam assuntos que discutem acerca do sensacionalismo e a construção de recursos audiovisuais para fidelizar o telespectador. Dessa forma, o trabalho finaliza delineando as estratégias empregadas no programa que fazem com que seus telespectadores se identifiquem com o apresentador.

Palavras-Chave: Comunicação. Telejornalismo. Jornalismo popular. Record TV RS.

ABSTRACT

*The objective of this work is to analyze the program *Balanço Geral RS*, studying how the program is built, as well as the audiovisual narrative resources that are used in the attraction. For this, we will use the analysis methodology of Laurence Bardin, who formulated categories in order to establish a configuration that made the study possible. The format of the *Balanço Geral RS* becomes an object of study since its configuration ends up threatening the hegemony of Rede Globo's partner in terms of audience. Heading the attraction *Balanço Geral RS* for 10 years, Alexandre Mota adopted a more popular language, captivating the audience of part of the society that were not being heard by the competition. Thus, the research seeks to understand how this loyalty of the TV viewer happens. This is essential so that we can discuss the appeal the presenter employs in order to make his audience interested in the attraction and with whom presents it. To achieve that, this work uses the research developed by the authors Guy Debord (1997) and José Arbex Jr. (2001), who discuss subjects regarding to sensationalism and the construction of audiovisual resources that get the spectator involved. The work ends defining strategies used in the program which make its viewers identified with the presenter.*

Keywords: *Communication. Telejournalism. Popular journalism. Record TV RS.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BG – Balanço Geral

CBN – Central Brasileira de Notícias

CETE – Centro Estadual de Treinamento Esportivo

Gate – Grupo de Ações Táticas Especiais

GC – Gerador de Caracteres

GM – *General Motors*

Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

JA – Jornal do Almoço

MT – Mato Grosso

PASC – Presídio de Alta Segurança de Charqueadas

RBS – Rede Brasil Sul

RS – Rio Grande do Sul

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

SP – São Paulo

TV – Televisão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 RECORD TV RS	13
2.1 Chegada da Record no RS.....	13
2.2 Histórico do Balanço Geral RS.....	13
3 BALANÇA, RIO GRANDE	15
3.1 O programa como porta-voz.....	15
3.2 Alexandre Mota: peça central	17
4 ANÁLISE DE CONTEÚDO	20
4.1 Categorias de análise.....	20
4.2 Gravações das edições do Balanço Geral RS.....	24
4.2.1 <i>Primeiro dia</i>	24
4.2.2 <i>Segundo dia</i>	30
4.2.3 <i>Terceiro dia</i>	33
4.3 Observação participante	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – Termo de consentimento	45
APÊNDICE B – E-mail de solicitação de pesquisa	46
ANEXO A – ENTREVISTA DE ALEXANDRE MOTA	47

1 INTRODUÇÃO

Instrumento de difusão de informação, conhecimento e entretenimento, a televisão pode ter influência em muitos aspectos da vida cotidiana. Conforme Aronchi de Souza (2004), ver TV contribui para a maneira como os indivíduos estruturam e organizam seu dia, com respeito às suas atividades cotidianas e ao tempo, a hora de dormir ou de trabalhar.

Criada em 1946, a televisão revolucionou a vida da população. Trazida para o Brasil nos anos 50 por Assis Chateaubriand, com o advento da TV Tupi, o aparelho tornou-se um negócio rentável aos empresários, que decidiram investir nesta mídia. Sendo assim, em pouco tempo, a televisão transformou-se no meio de entretenimento e difusão de informação mais popular na sociedade brasileira.

Entretanto, embora a TV tenha a popularidade e as peculiaridades que tem hoje, não foi sempre assim. Como não haviam formatos a serem reproduzidos, o único modelo que possuíam na época era o rádio. Sendo assim, até que a televisão pudesse transformar-se em algo característico, ela espelhou-se no modelo radiofônico, repetindo o que era feito, conforme afirma os pressupostos teóricos de Marcondes Filho (1988). Após sua consolidação, a televisão passou a adquirir um caráter próprio e tornou-se o principal meio de informação e entretenimento no país.

Em pesquisa realizada pelo Ibope em 2016¹, a população brasileira passava um quarto do seu tempo em frente à televisão. Nos últimos sete anos, o tempo que cada pessoa dedica para a programação televisiva aumentou em mais de quarenta minutos. Outro dado importante para compreendermos o alcance da televisão na vida da população aponta que quase 90% dos brasileiros se informam sobre os acontecimentos do país pela televisão. Isso nos dá a dimensão da televisão como um importante meio de informação. Nesta mesma pesquisa, os entrevistados afirmam que confiam sempre ou na maioria das vezes nas notícias que são veiculadas por esse meio.

Enquanto telespectadores, “somos resultado e parte integrante de uma

1 Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

cultura que privilegia a percepção visual como fonte principal do conhecimento”, conforme atesta José Arbex Jr. (2001). Isso sustenta a ideia de que a televisão, além de nos fornecer a informação do que acontece a nossa volta, também nos transforma enquanto cidadãos graças a seu caráter fascinante e o nosso deslumbramento por imagens. Nesse sentido, a televisão é o meio que produz as maiores modificações, tanto nos valores, quanto no comportamento das pessoas, conforme declara Bezerra (1999) em “Manual do Telespectador Insatisfeito”.

Ainda sobre as imagens, que desde cedo nos acompanham, seja nos televisores, seja em nossas próprias percepções visuais, o autor Aronchi de Souza cita Mauro Salles argumentando que

Em menos de quatro décadas o vídeo transformou a face do país, modificou os hábitos diários do povo, revolucionou a política, impôs profundas alterações na cultura, estabeleceu parâmetros de comportamento, afetou a fala e inovou a língua dos brasileiros. (SALLES, Mauro, 1988, apud ARONCHI de SOUZA, 2004, p. 24).

A partir disso, a escolha de um tema que levante esses assuntos é de suma importância para que compreendamos de que maneira se dá essas relações entre televisores e telespectadores. Sendo assim, o tema desta pesquisa se concentra em entender os recursos audiovisuais e as estratégias empregadas na construção do programa Balanço Geral RS. Conhecido por ser um programa sensacionalista, a atração, que possui cunho preferencialmente policial, é dirigido às camadas mais socialmente vulneráveis da sociedade, ou seja, as classes C e D.

Dessa forma, o jornalista Alexandre Mota, apresentador do programa há dez anos, construiu uma imagem que cativou seus telespectadores, a partir da formação de uma imagem que lhes dê representação. Portanto, a escolha deste tema serve para que possamos compreender de que forma esse processo acontece e quais são as estratégias utilizadas para que Alexandre Mota tenha a influência que tem hoje.

Para realizar a pesquisa, foram gravadas três edições do programa Balanço Geral RS no mês de abril de 2018. Além disso, conta-se com uma observação participante e uma entrevista *in loco* (ver anexo) com o apresentador Alexandre Mota, realizadas em maio de 2018. Com estes objetos, produziu-se análise de conteúdo ancorada nos pressupostos teóricos de

Laurence Bardin (2010), a fim de investigar as estratégias utilizadas pela atração para traçar uma identificação com seus telespectadores.

Dessa forma, usando como base para o estudo as teorias desenvolvidas pelos autores José Carlos Aronchi (2004), José Arbex Jr. (2001) e Guy Debord (1997), buscaremos examinar que recursos são estes e de que forma eles são empregados para alcançar sua audiência. Os autores acima referidos tratam de temas tais como espetacularização da notícia, categorização de programas de TV e as estruturas da sociedade como receptoras de informações.

2 RECORD TV RS

Este capítulo abordará a afiliada Record RS, contando sua história de chegada ao Rio Grande do Sul, bem como apresentará o histórico do programa Balanço Geral RS com o objetivo de mostrar a trajetória do mesmo dentro da emissora. Dessa forma, se torna possível a compreensão do objeto deste trabalho. Além disso, também possibilita o entendimento sobre a ascensão do Balanço Geral RS, apresentando de que maneira ele conseguiu o lugar que ocupa hoje.

2.1 Chegada da Record no RS

A Record TV RS chegou ao Rio Grande do Sul em julho de 2007. Trata-se, portanto, de uma emissora relativamente nova. O canal 2, que fora ocupado pela TV Guaíba, era o quinto classificado na audiência da televisão gaúcha. Os empresários que efetuaram a compra do Grupo Caldas Júnior tinham como plano a execução de um projeto que visava a alcançar a Rede Globo em termos de audiência. Foi através dessa estratégia que o programa Balanço Geral chegou ao Estado. De acordo com Fonseca (2009), o Balanço Geral tem sua história misturada à da Record, uma vez que entrou no ar dois dias após sua primeira transmissão oficial no canal 2, agora Record TV RS. O autor também ressalta que o projeto nacional da Record se resumia na implementação desse programa:

O programa trata-se da verdadeira síntese do projeto nacional da Record: através da popularização da programação, tentar primeiramente consolidar sua posição na vice-liderança, para depois alcançar a Rede Globo em índices de audiência em termos nacionais, além de tentar superar suas afiliadas em todo o país. (FONSECA, 2009, p.9)

O plano estratégico da Record TV RS provavelmente não era novo, mas possivelmente era algo que as outras emissoras não se empenharam em fazer: alcançar a hegemônica RBS TV. Durante quarenta anos de exibição, nenhuma emissora conseguiu concretizar o projeto que a Record se propusera a realizar. Em termos de audiência, a RBS TV se caracteriza como um dos maiores monopólios de mídia do país, até então.

2.2 Histórico do Balanço Geral RS

Logo após a compra do Grupo Caldas Júnior, iniciou-se o projeto nacional almejado pelos empresários e houve a estreia do programa Balanço Geral RS, em 2007. À época, o telejornal não possuía o formato em que é apresentado nos dias de hoje. Inicialmente apresentado pelo jornalista Luiz Carlos Reche, o programa funcionava num formato tradicional, com notícias locais, aos moldes do Jornal do Almoço apresentado na RBS TV por Cristina Ranzolin, ao meio-dia.

Ao perceber que o Balanço Geral apresentava menos de 3 pontos de audiência no Ibope, foi preciso reformular seu formato para algo que fosse diferente do que era feito no JA, atingindo camadas da sociedade que a atração da RBS TV não alcançava. Portanto, em 2008, o comando do programa passou a ser de Alexandre Mota, jornalista paulista que revolucionou a história da atração. Dali em diante, o programa passaria a assumir um caráter mais popular, algo inédito em se tratando de telejornalismo gaúcho.

A mudança no formato da atração refletiu diretamente nos índices de audiência já nos primeiros quatro meses do novo modelo. Isso fez com que o Balanço Geral crescesse bastante em um ano e meio. Entre dezembro de 2008 e abril de 2009, a Record TV RS alcançou a vice-liderança no Ibope, que passou de 8,6% para 12,1% de *share* domiciliar, desbancando o SBT. Sobre a ascensão exponencial da emissora no cenário gaúcho, Vicente Fonseca (2010) aponta os dados sobre a audiência da Record TV RS:

Os números de audiência são crescentes desde o início de 2009. De setembro a dezembro de 2008, o Balanço Geral exibiu tímido desempenho: passou 3,5 pontos para 5,5. A partir de janeiro de 2009, o salto vem a olho nu: 7,4 pontos em janeiro; 9,1 em fevereiro; 10,9 em março; e 11,1 em abril. De dezembro a abril, em quatro meses, a audiência dobrou. Entre março de 2008 e março de 2009, este índice cresceu 132%(...). (FONSECA, 2009, p. 2)

À frente do Balanço Geral RS há 10 anos, Alexandre Mota é, sem dúvida, um dos apresentadores de maior influência dentro da emissora afiliada. Com a sua vinda para o Estado, o programa cresceu de maneira surpreendente e mantém a posição que conquistou até os dias de hoje. Atualmente, de acordo com o site da Record TV RS, a emissora é a que possui o maior conteúdo local diário em comparação às outras emissoras, totalizando mais de 5h de programação. A RBS TV, que é sua concorrente direta, por

exemplo, possui pouco mais de 2 horas de programação local, enquanto que a Band TV RS e o SBT RS totalizam 3 horas e 1 hora e 15 minutos de conteúdo local diário, respectivamente.

3 BALANÇA, RIO GRANDE

Nesta parte do trabalho, o capítulo versará sobre os gêneros televisivos apresentados por José Carlos Aronchi (2004). Também nesta seção, discutirá sobre jornalismo popular e o serviço de assistência que presta às comunidades de camadas mais populares da sociedade. O jornalista Alexandre Mota será analisado neste capítulo a partir da observação sobre seu papel central frente à atração, bem como a maneira como constrói esse eixo principal.

3.1 O programa como porta-voz

O Balanço Geral RS caracteriza-se como um programa de gênero variado, onde reúne informações e conteúdos de caráter jornalístico. Apresentado de segunda a sexta-feira das 12h às 15h e, aos sábados, das 13h às 15h, sempre no formato ao vivo, o programa também apresenta entretenimento e *merchandising* em seu formato. José Carlos Aronchi de Souza, até o momento, é o autor da única pesquisa que formula uma divisão entre os gêneros televisivos. Em seu livro “Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira”, o autor destaca que

Marques de Melo afirma que “o jornalismo brasileiro tem uma fisionomia entrecortada por múltiplas diretrizes, algumas convivendo contraditoriamente no estilo que nos trouxeram os portugueses, outras que nos chegaram através dos processos de comunicação intercultural implícitos nos movimentos migratórios, e também aquelas que emergiram de situações de dependência tecnológica e econômica, que incluem no seu bojo alterações simbólicas fundamentais [...]”. Compreender os gêneros jornalísticos significa, portanto, estabelecer comparações, buscar identidades, indagar procedências. (Marques de Melo apud ARONCHI, p. 150)

Portanto, ao traçar uma linha de estudo na qual o programa possa se encaixar numa classificação, entra-se num impasse, uma vez que ele é plural a ponto de ajustar-se em mais de uma classificação de gênero jornalístico, ao mesmo tempo em que também nos permite estabelecer certas comparações com programas semelhantes que possuem o formato mais próximo de algum gênero jornalístico. Neste estudo, classificaremos o Balanço Geral RS como um programa de gênero variado, aqui entendido como “variedades”, onde reúne informação e conteúdo jornalístico, ao mesmo tempo em que também manifesta momentos de entretenimento e *merchandising*.

O autor José Arbex Jr. (2001, p. 51) afirma que “o fim da fronteira entre

informação e entretenimento obrigou o telejornalismo a se adaptar ao ritmo das mensagens publicitárias”. Dessa forma, percebe-se nas edições do programa que o *merchandising* está incutido no dia-a-dia da produção a ponto do próprio Alexandre Mota tornar-se não apenas alguém que está fazendo propaganda de determinado produto, mas também alguém que está vendendo a sua imagem para ser associada a um certo artigo. Esse processo ocorre tanto no espelho² do Balanço Geral RS, quanto no intervalo comercial do programa.

O fato do apresentador representar não apenas uma associação a uma determinada marca anunciada na grade da emissora ou no espelho do programa, mas também uma pessoa que representa uma relação ao público para o qual se dirige leva a torná-lo um porta-voz do telespectador, alguém que diz na TV aberta o que o povo que o assiste sente, bem como seus anseios e indignações. Dessa forma, a televisão transforma-se em um instrumento de observação e canal onde o público-alvo da atração em estudo pode ter a oportunidade de sentir-se representada pela figura de Alexandre Mota.

Arbex Jr. (2001) aponta que os veículos de comunicação encontraram novas maneiras na construção de relações de credibilidade com o seu público-alvo. As mídias apostaram em âncoras, que nada mais são do que figuras que apresentam os telejornais, e jornalistas que revelam grande autonomia no que diz respeito à manifestação de opiniões em matérias assinadas. Nestes casos, nem sempre essa autonomia é real, no entanto, é fato que tais personalidades apontam para um crescimento na credibilidade, bem como na identificação do telespectador com quem apresenta as notícias, fazendo com que o jornalista torne-se não só um transmissor de informações, mas também uma figura que representa e diz o que seu público gostaria que fosse dito.

Além da aposta em âncoras para construir a credibilidade e, de certa forma, tornar-se mais próximo dos seus telespectadores, outro recurso que a Record RS decidiu investir foi no uso do *WhatsApp*. A utilização do aplicativo de mensagens instantâneas pode ser considerada recente, uma vez que é empregado no programa há menos de 3 anos. No contexto da programação, o *WhatsApp* é utilizado para manter um contato mais próximo com os telespectadores. Dessa forma, o número é disponibilizado e, quem os assiste,

2 É o cronograma do telejornal, script.

pode mandar mensagens, tais como dúvidas, sugestões, críticas, elogios e solicitar beijos e abraços.

Em diversas vezes, nas observações das edições feitas em abril de 2018, Alexandre Mota foi denominado pelos seus telespectadores que o escreviam como alguém que diz o que o povo deve saber, além de representá-los e dar espaço para que eles também possam emitir suas opiniões através deste canal. Em relação à responsabilidade social que isto tem, o jornalista declara-se um formador de opiniões, pois “é através da informação que elas (as pessoas), formam opiniões, que apuram o senso crítico”.

Essa interação entre apresentador e telespectador é constante no programa, tanto no espaço entre uma matéria e outra, quanto no que denomina o editor-chefe do Balanço Geral RS, José Henrique Rosito Ferraro, como inserção. O recurso utilizado para manter a audiência consiste na aparição do apresentador durante o intervalo comercial para mandar beijos e abraços a quem o escreve por meio do *WhatsApp* do Balanço Geral. Sua duração média é de dois minutos.

3.2 Alexandre Mota: peça central

Há 10 anos à frente do Balanço Geral RS, Alexandre Hernandez Mota é um apresentador que conferiu ao programa o que ele é hoje. Atuando no jornalismo desde 1991, o apresentador possui uma trajetória bastante longa na comunicação, atuando desde cedo nos veículos de comunicação tradicionais. Natural de Santo André, no ABC Paulista, Alexandre Mota iniciou sua carreira na extinta Rádio Cultura de Santos, no programa intitulado Rádio Polícia, que possuía uma temática, como o próprio nome diz, de denúncias e reportagens policiais. Em entrevista concedida a mim no dia 10 de maio de 2018 (ver anexo), o apresentador relata que já passou por diversas empresas, tais como CBN, SBT e Bandeirantes, atuando desde a produção até a apresentação, bem como trabalhando em outras editorias, como as de esporte, economia e geral.



Figura 1: Alexandre Mota na apresentação do Balanço Geral RS. Foto: Autora

No comando do Balanço Geral RS há uma década, o jornalista conseguiu imprimir sua personalidade no programa, fazendo com que o Balanço Geral se tornasse uma atração legitimamente sua, caracterizando-o com o seu modo de trabalhar e de apresentar a atração. Com um gênio forte, Alexandre Mota tem verdadeira estima pelo programa que, embora não tenha sido o primeiro apresentador, ajudou a construir para torná-lo o que é hoje - um programa de gênero variado que alcança as mais diversas camadas da sociedade gaúcha. Esse alcance é citado por Alexandre Mota (ver anexo) como um diferencial, no qual o jornalismo voltado ao povo, direcionado às pessoas mais carentes, é a marca registrada.

Essa diferenciação é categorizada por Mota como o preenchimento de uma lacuna no telejornalismo gaúcho. Tido como referência nacional, o telejornalismo local tornou-se um padrão no Estado, especialmente o produzido pela RBS TV, que mantém-se líder nas pesquisas relacionadas à audiência. Segundo Alexandre Mota (ver anexo), esse padrão acabou engessando muito o telejornalismo regional, que até antes da chegada do Balanço Geral no Rio Grande do Sul, manteve-se dessa forma. Para o jornalista (ver anexo), a equipe da Record RS mostrou “que Porto Alegre era uma cidade bonita, mas que tinha inúmeros problemas a serem resolvidos, coisa que as outras emissoras não faziam”.

A partir de então, a audiência do programa foi aumentando, ao passo

que os telejornais gaúchos abandonaram suas bancadas e buscaram aproximar-se das camadas mais populares da sociedade, tal qual estava fazendo o Balanço Geral RS, dando vez e voz a essas pessoas. Seu principal concorrente, o Jornal do Almoço, exibido na RBS TV, tem procurado esse alcance com matérias voltadas às classes C e D.

Durante a observação participante realizada no dia 8 de maio de 2018, percebe-se como o jornalista é exigente no que se refere às informações. Ele afirma a sentença ao dizer que nunca brigou à toa, mas que sempre briga “para buscar informações, para fazer a coisa melhor”. Também é possível observar que, desde antes da sua chegada à redação para produzir o programa que irá ao ar, Mota procura manter-se informado sobre o que está entrando no espelho, bem como o que pretende comentar, embora ele afirme que os comentários são improvisados, extraídos no momento em que está apresentando, sem o costume disso estar previsto no espelho da atração.

Assim sendo, o apresentador vai construindo um olhar próprio sobre os fatos e notícias que irão ao ar, sempre direcionado este olhar aos telespectadores e sobre a realidade que tais pessoas vivem, bem como sua linguagem, que busca ser a mais simples possível com a preocupação de que todos os que o assistem possam compreender o que está sendo dito.

O olhar que o apresentador possui ao comentar as notícias é, por vezes, ancorado numa convicção pessoal que compactua com a opinião e o senso comum dos telespectadores. Tal convergência de opiniões acentua sua credibilidade e audiência perante seu público, o que faz com que o Balanço Geral seja o sucesso que é. Sobre a aproximação que o programa consegue ter, Fonseca (2009) entende que

Adotar linguagem que o telespectador entenda é, em última instância, falar como este público fala. Esta aproximação linguística, além de melhorar a comunicação com os interlocutores, cria uma identificação forte da emissora com seu público, que vê nela algo ou alguém semelhante através da fala. Ao mesmo tempo, o próprio consumidor de informações se sente parte do mundo cotidiano, num processo dialético que dá grande força aos laços afetivos dentro de uma comunidade específica, dada a incerteza e complexidade do mundo globalizado – do qual, muitas vezes, estas pessoas não fazem parte ou não têm consciência disso. (FONSECA, p. 4, 2009)

Portanto, ao assumir uma linguagem que crie uma identificação com o público e trabalhar com reportagens que tratem de assuntos que atinjam tais

camadas populares de maneira mais direta, cria-se a imagem de um programa que não só torna-se um canal de transmissão de informações, mas também um meio de aproximação do telespectador com quem produz o Balanço Geral todos os dias. Alexandre Mota, somado a tudo isso, torna-se uma figura central a partir do momento em que há a adoção de linguagem mais popular, de exibição de matérias extremamente pertinentes a essa população, além de comentários pessoais feitos pelo apresentador que compactuam com o pensamento de seu público.

4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

O capítulo seguinte apresentará os dados coletados na pesquisa a respeito do programa Balanço Geral RS. Nesse fragmento do projeto, será desenvolvida a análise de conteúdo, conforme apresentada por Laurence Bardin (2010), que inclui 3 edições do programa, apresentadas no dia 24, 25 e 26 de abril de 2018. A autora define que o processo de análise de conteúdo envolve uma leitura “flutuante”, isto é, uma primeira proximidade com o objeto que será submetido à análise, seguido da elaboração de indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material.

À vista disso, o *corpus* da pesquisa se constituirá através da escolha dos documentos que serão objeto de análise; nesse caso, as gravações das edições do programa. Além das três unidades, a observação participante feita no dia 8 de maio aliada à entrevista *in loco* feita com o jornalista no dia 10 de maio de 2018 auxiliarão no processo de análise de conteúdo do programa.

4.1 Categorias de análise

Para dar prosseguimento às etapas propostas no trabalho, a fim de seguir adiante na análise das edições do programa Balanço Geral RS, bem como na observação dos recursos audiovisuais utilizados pela atração e pelo jornalista Alexandre Mota, serão determinados alguns critérios de análise para orientar as classificações estabelecidas. Para isto, será empregada uma adaptação das categorias de análise realizada por Emerim (2012). São elas:

1. Dados de identificação: são informações relacionadas ao dia de exibição e sua duração.
2. Estrutura do programa: qual a configuração que propende a repetir-se nas edições analisadas, a fim de tornar seu formato recorrente, estabelecendo, assim, um vínculo com quem o assiste. Tal estratégia faz parte do gênero televisivo, como argumenta Barbero (1997).
3. Forma de apresentação: o formato em que a atração é apresentada, de que maneira funcionam os recursos narrativos nas edições selecionadas.
4. Cenário: o ambiente no qual o programa funciona, espaços

determinados e organizados para que o processo de produção da atração seja realizado. Tal elemento de análise possibilita que o telespectador rapidamente identifique o programa que assiste.

5. Temáticas preferenciais: apresenta-se aqui o gênero predominante trabalhado no programa, bem como o público para quem a atração se dirige. Dessa forma, o telespectador acaba determinando e direcionando as temáticas que são abordadas com maior regularidade que as demais.

Dados de Identificação	Balanço Geral RS é exibido de segunda a sexta, das 12h às 15h e aos sábados, das 13h às 15h. Com três intervalos comerciais, possui 3 horas de programação
Estrutura do Programa	Utilização de inserções, chamadas, repetição de imagens, música de tensão, uso do <i>WhatsApp</i> para contato com os telespectadores
Forma de Apresentação	Ao vivo, sem uso de bancadas e apoios como <i>tablets</i> e <i>scripts</i>
Cenário	O ambiente é composto por duas televisões que reproduzem as reportagens, uma pequena mesa de vidro no canto direito do estúdio para o <i>merchandising</i> e, ocasionalmente, ler os recados enviados pelos telespectadores
Temáticas preferenciais	O programa prima por matérias de cunho policial, além daquelas em que o público de camadas mais populares é diretamente atingido

Emerim (2012), ao formular a adaptação das categorias de análise de

conteúdo, ancorada em pressupostos teóricos de Bardin (2010), nos possibilita elencar determinadas categorias que serão mais propícias para este estudo. Dessa forma, analisar cinco diferentes categorias é o suficiente no que diz respeito à delimitação de um padrão de produção e execução do programa.

O Balanço Geral RS utiliza-se de alguns recursos incomuns no telejornalismo gaúcho, bem como outros artifícios habituais no jornalismo empregados de maneira exagerada, produzindo um efeito popularesco e sensacionalista. Sobre sensacionalismo, pode-se afirmar que seus estudos são recentes. Alguns pesquisadores da área (BERNARDES, 2004; AMARAL, 2006; ENNE, 2007; MATHEUS, 2011; entre outros) argumentam que esse tipo de jornalismo tem sofrido transformações, superando a ideia inicial de que esse formato diz respeito a matérias policiais e extravagantes.

Atualmente, o sensacionalismo tem desenvolvido uma outra condição: a de prestador de serviços que reitera o pertencimento da audiência nesta atração. A exibição, nesse sentido, torna-se uma espécie de porta-voz de seu público-alvo, que geralmente é pertencente às classes C e D e que vê nesses programas um canal no qual pode reivindicar suas demandas mais urgentes e que não encontram solução. O raciocínio desenvolvido por Amaral (2006) conclui que

(...) a imprensa sensacionalista sentimentaliza o noticiário social, com apelos para a ânsia punitiva a fim de expressar o descontentamento e, também, para um reducionismo que particulariza os fenômenos sociais; está ligada ao exagero, à intensificação e à supervalorização da emoção; explora o extraordinário; descontextualiza e valoriza conteúdos descontextualizados e explora o sentimento humano ao banalizar a violência, ridicularizar os humildes e pré-julgar suspeitos. (AMARAL, 2006 p. 21)

À luz do exposto, o Balanço Geral RS se encaixa nas definições alinhadas pela autora referida, uma vez que em suas edições, busca trazer temas imediatos a essas populações mais vulneráveis socialmente, fazendo da televisão um espaço aberto onde os telespectadores vejam seus anseios apresentados por um jornalista que eles consideram que os defende e que também entende a importância do que são consideradas pautas relevantes a sua camada social.

Inserido no programa como estratégia de aproximação com seus telespectadores, o Balanço Geral RS adota música de tensão em todas as vezes em que aborda um assunto de cunho policial. A música está presente

enquanto o apresentador tece comentários sobre o ocorrido ou quando uma imagem é incessantemente repetida a fim de mostrar e reforçar a gravidade do fato, bem como para quem está começando a assistir à atração naquele instante.

Em relação aos comentários que Alexandre Mota faz em algumas matérias, pode-se notar um toque baseado em suas convicções pessoais, afastando-se então do seu papel de jornalista e apresentador para tornar-se um observador que busca uma identificação com quem ele está se dirigindo. Essa forma de comunicar-se no programa encontra contraste na definição do termo “notícia” feito por José Arbex Jr. (2001, p.160), onde afirma que notícia “é a informação que se reveste de interesse jornalístico; puro registro dos fatos sem comentários nem interpretações”.

Seguindo por essa linha de raciocínio, o programa constitui-se como uma atração que não tem como premissa a transmissão de notícias, uma vez que o apresentador frequentemente profere comentários e assume interpretações baseadas em compreensões apreendidas a partir de sua opinião e também de outros fatos já noticiados anteriormente.

Já em relação à forma de apresentação, bem como ao cenário, pode-se notar outras estratégias de aproximação com seu público. Com a ausência de bancadas, comuns em telejornais, o apresentador tem a possibilidade de movimentar-se mais, excluindo a ideia de um programa engessado.

Destarte, Alexandre Mota pode ficar mais desenvolvido, o que combina também com o seu modo de vestir, que, apesar de não ser informal a indumentária que o jornalista veste, não possui as mesmas formalidades que são exigidas aos profissionais que atuam em telejornais mais formais. Adotar o uso do terno, porém sem gravata, também faz com que o apresentador aproxime-se de seus telespectadores, uma vez que eleger tal vestimenta e não outra pressupõe uma maneira de estar mais parecido com o público.

Essa convergência de categorias que levam à construção de um apresentador que procura uma identidade próxima a dos gaúchos também pode ser encontrada na última categoria. Os temas do Balanço Geral RS costumam ser os policiais, majoritariamente. Em seguida, surgem reportagens que tratam de problemas mais imediatos à população, tais como saúde pública. Essas temáticas são as que mais ganham atenção, tanto dos telespectadores,

que enviam comentários através do *WhatsApp*, como do apresentador, que dedica tempo para falar sobre tais assuntos.

4.2 Gravações das edições do Balanço Geral RS

Aqui, o trabalho se concentrará em fazer a análise de conteúdo das edições gravadas do programa Balanço Geral RS. Dessa forma, será possível compreender a estrutura da atração, bem como a sua maneira de apresentar.

Nesta parte da pesquisa, convém delinear alguns aspectos comuns às três edições que serão analisadas a seguir. A abertura do programa, pontualmente ao meio-dia, costuma conter uma música de tensão, pois a matéria que dá abertura à atração é de cunho policial, o que atrairá a atenção dos telespectadores, que assistirão às chamadas das principais matérias a serem exibidas naquela edição.

Durante seis minutos, Alexandre Mota apresenta as principais notícias do Balanço Geral RS, com a particularidade de repetir o termo “já, já” com certa frequência. Do mesmo modo, pede para que deem-no o áudio ou o vídeo, conforme disponível. Intercalando a exibição das chamadas, com repórteres que também adotaram a expressão referida acima, ocorre a leitura de mensagens advindas do *WhatsApp* do programa e da sua página no Facebook.

Com três intervalos durante sua exibição, o Balanço Geral RS adotou um recurso denominado inserção. De duração média de dois minutos, o mecanismo consiste no apresentador, que reaparece no meio do intervalo com mais recados dos telespectadores através do *WhatsApp*. Além dessas inserções, também é possível verificar a presença de Alexandre Mota na maioria das propagandas exibidas no intervalo comercial, apreendendo-se, então, que ele possui um apelo que é rentável para quem o contrata.

4.2.1 Primeiro dia

A primeira edição a ser analisada é a do dia 24 de maio de 2018. Como expressado anteriormente, o Balanço Geral RS segue determinados padrões, como o número de inserções e intervalos, que são três. Nessa exibição, foram transmitidas 17 reportagens, 11 chamadas e 10 paradas para realizar *merchandising*, além de momentos em que Alexandre Mota realiza algum comentário.

Neste dia, as notícias de maior destaque eram sobre os assaltos ocorridos no bairro Santa Fé e no terminal de ônibus Antônio de Carvalho. Além disso, um tiroteio no bairro Bom Jesus também ganhou repercussão no programa. Com vídeos de câmeras de segurança e de origem amadora, como no caso do tiroteio, o apresentador repete inúmeras vezes tais filmagens.

E, embora sejam imagens simples e curtas, tem-se a impressão de que elas são extensas, por conta da quantidade de vezes que são repetidas. Em relação às imagens, José Arbex Jr. (2001, p. 34) argumenta que “somos resultado e parte integrante de uma cultura que privilegia a percepção visual como fonte principal de conhecimento”.

Dessa maneira, percebe-se que, ao noticiar um fato com sua devida importância para aquele público-alvo, tem-se o pressuposto de que eles queiram ver tais imagens. E mais: não há a existência de uma exaustão a tais cenas, notando algo que não havia notado antes e construindo uma relação com o que o apresentador fala no decorrer dessas exposições.

Após os seis primeiros minutos do programa destinados às chamadas, ainda que também contenha momentos para o *merchandising*, realiza-se o intervalo comercial que, em algum momento, é interrompido para a primeira inserção do programa. O apresentador reaparece e, durante dois minutos, ele lê mensagens do público, os quais ele cita como fãs e amigos, salientando que há telespectadores do Rio Grande do Sul, parte de Santa Catarina, além de regiões do Uruguai e Argentina. Dessa maneira, ele ressalta o alcance que o programa tem.

Alexandre Mota reaparece no intervalo comercial com a chamada de duas matérias: a do júri popular do homem que tentou matar a companheira e ateou fogo no apartamento, na cidade de São Leopoldo, e novamente uma chamada sobre o assalto no bairro Santa Fé. Na volta do intervalo, é exibida reportagem sobre o desaparecimento de uma menina em São Leopoldo, na região do Vale dos Sinos. Após o seu término, o jornalista tece críticas à tia que a abrigou, ainda que não soubesse do contexto em que se passou todo o fato, fazendo um recorte no acontecimento.

Em relação aos fatos que sofrem interpretações diversas através do contorno feito pela reportagem, o teórico Guy Debord (1997, p.188) considera que “o discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo

o que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das consequências”.

No primeiro bloco do programa, aproximadamente 30 minutos depois de seu início, vê-se que apenas uma reportagem foi exibida. Durante a observação participante realizada no dia 8 de maio de 2018, pude acompanhar a construção do espelho do Balanço Geral RS. Na ocasião, o editor-chefe do programa, José Henrique Rosito Ferraro, declarou enquanto montava o espelho que sua composição não é estática. O argumento sustenta-se no reflexo da audiência no momento em que a atração é exibida.

Momentos antes do segundo intervalo comercial, o apresentador Gugu Liberato entra ao vivo para falar sobre a estreia da nova temporada do *reality show Power Couple*. Durante mais de quatro minutos, os apresentadores dividem tela e comentam sobre a nova temporada da atração, quando Alexandre Mota tece elogios ao colega de emissora. Após o *link*, dois minutos são dedicados ao futebol, uma vez que o quadro Balanço na Rede, apresentado por Nando Gross, ainda não foi ao ar.

Posterior à inserção, três chamadas são feitas, além do *merchandising*. Quando Alexandre Mota anuncia a entrada do quadro Balanço na Rede, que trata de futebol, Nando Gross e o jornalista, durante um minuto e meio, protagonizam brincadeiras com os óculos da óptica que Mota acabara de fazer anúncio. Ao término do Balanço na Rede, que tem duração média de 25 minutos, o apresentador do Balanço Geral faz uma chamada antes da reprodução da próxima reportagem, que é sobre o júri popular ocorrido em São Leopoldo, seguida de outras três matérias.

Quando encerra-se a reportagem a respeito do júri, o apresentador começa uma série de críticas sobre o poder público. No argumento, ele ressalta que a Lei Maria da Penha³ não é respeitada pelo poder público e que apenas é bonita no papel, denominando o réu como “monstro” e “criatura”.

Outro momento que pode-se perceber o tom de inclinação a comentários baseados em convicções pessoais é no instante em que a reportagem sobre o protesto de moradores do bairro Bom Jesus é exibida.

3 Artigo 5 da Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 8 de junho de 2018.

Nesse caso, o apresentador levanta a hipótese de que outros crimes que ocorreram no bairro possam ter relação entre si. Em seguida, Mota lê os recados dos telespectadores e questiona sobre o trabalho da Força Nacional, ressaltando a importância do protesto democrático e pacífico. Em dado momento, ele levanta um questionamento sobre a Operação Lava-Jato⁴, quando diz que duvida que houvesse prosseguimento na ação se não fosse o povo nas ruas, posicionando-se, dessa maneira, a favor da população.

Quando Alexandre Mota levanta determinadas questões com certa imprecisão na fala, como “crimes podem ter relação”, ele perde um pouco de credibilidade em termos jornalísticos, porém, ganha em termos de audiência, uma vez que a população vê o profissional como alguém que detém a informação e a transmite, sendo uma pessoa a quem elas podem confiar no que informa. Entretanto, o apresentador não possui provas, tampouco evidências concretas baseadas em algo que possa tornar tais argumentos contundentes. Na entrevista realizada no dia 10 de maio de 2018 (ver anexo), Alexandre Mota esclarece a respeito da nova postura da emissora frente à sua atuação no programa. De acordo com o jornalista, a nova política da Record visa não expô-lo ao risco, como já ocorreu anos atrás, quando sofreu ameaças de poderosos traficantes do Estado. Assim, atualmente o apresentador cuida o teor dos comentários, fazendo-os “sem acusar de forma contundente, mesmo tendo provas. Aí, basear as reportagens em cima dessas provas”.

Essa imprecisão ocorre diversas vezes no programa, tanto por parte do apresentador, quanto por parte da equipe de produção que, nesse caso, acaba sendo cobrada por ele. Em entrevista concedida no dia 10 de maio de 2018 (ver anexo), o jornalista declarou que o temperamento explosivo que possui não é infundado, uma vez que ele se vê na obrigação de manter seu telespectador bem informado, levando notícia de qualidade, chegando o mais próximo possível da verdade (ou das verdades).

Em outros momentos, ele se mostra seguro no que diz respeito ao programa. A reportagem sobre o tiroteio ocorrido no bairro Nonoai, zona sul de Porto Alegre, por exemplo, fez com que Alexandre Mota ressaltasse o trabalho

4 Deflagrada em 2014, é uma operação feita pela Polícia Federal que investiga um grande esquema de corrupção envolvendo a Petrobras, empreiteiras e personalidades políticas.

que sua equipe vem realizando na emissora ao afirmar que “o nosso Balanço Geral vem alertando a segurança pública há 10 anos.(...) Essa guerra não é novidade, pode ser nas outras emissoras, mas o Balanço Geral fala da guerra (do tráfico) há pelo menos sete anos”.

A desaprovação às autoridades públicas denota mais uma tentativa do apresentador de se mostrar ao lado dos telespectadores, uma vez que a população mostra-se cada vez mais desgostosa com o descaso do poder público. Sendo assim, ao se aproximar por meio da identificação com o povo gaúcho, Alexandre Mota consegue um prestígio do público quando os critica. Em reportagem sobre a chamada “guerra do tráfico”, o apresentador leu os comentários deixados no *WhatsApp* do programa e também fez os seus. Na ocasião, citou a Polícia Militar, em consonância com o que um telespectador disse, ao afirmar que o órgão é omissos e que passa grande parte do tempo em postos de gasolina.

Ao recordar a troca de tiros no Hospital Cristo Redentor, ocorrido há dois anos, o apresentador declara que os policiais vão à júri, no entanto, deveriam ganhar medalhas pelo fato de terem matado bandidos. A opinião, embora seja polêmica, é reafirmada pela maioria dos seus telespectadores, que são das classes C e D, consideradas socialmente vulneráveis. Quando enxergam em Alexandre Mota uma figura com a qual elas se identificam, elas se veem na TV e cria-se, então, uma espécie de espelho. A respeito disso, Félix (1995, p. 701) afirma que “a televisão copia, se apropria da arte popular, de suas manifestações culturais e costumes e a transforma em produto comercial. O telespectador, por sua vez, imita o que vê na tela. Como se estivesse em frente de um espelho, ele se reconhece nela”.

Percebe-se que o tom crítico e de contestação vai além dos princípios éticos do jornalismo como, por exemplo, o inciso V do art. 7 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que determina que o jornalista não pode usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime. A linha de discussão se mantém, sustentando o argumento de que bandidos não merecem viver. Essa questão torna-se clara conforme a indignação do apresentador assume um tom mais agressivo. Ao passar a reportagem referente a dois irmãos que reagiram a um assalto no terminal Antônio de Carvalho, na zona leste da Capital, o jornalista nota que um táxi passa no

momento da ocorrência e sugere, de modo sarcástico, que “o táxi que está passando poderia, sem querer, dar uma esbarrada no ladrão”. Após posicionar-se diante do fato, ele, novamente, faz críticas à segurança pública.

Após o momento em que o programa ganha um ar mais crítico e de opinião, são exibidas matérias sobre a toxoplasmose, conclusão da obra na Avenida do Parque, a utilização do CETE pelo Corpo de Bombeiros e a iluminação da cidade. No meio dessas produções, há também três chamadas entre as reportagens. Em comparação às reportagens que vinham sendo transmitidas até então, essas são mais leves, no entanto, também não escapam dos comentários do apresentador, inclusive na matéria referente à finalização da obra na Avenida do Parque. Isso se dá pelo hábito do programa de somente falar coisas que estão desalinhadas do “mundo ideal”, tais como violência, precariedade na saúde e educação.

Portanto, ao abordar assuntos positivos à sociedade, ainda há uma resistência em admitir que o poder público também produz bons frutos à população. Nesse sentido o Balanço Geral RS constrói-se como um programa defensor do povo, porém, que enxerga muito mais os problemas do que as soluções realizadas para melhorar a realidade dessas pessoas. De acordo com José Arbex Jr. (2001, p.34), “a televisão, com o seu aparato tecnológico cada vez mais aperfeiçoado, reivindica para si a capacidade de substituir com vantagem o olhar do observador individual”. Ele é quem determina se o poder público deve ser elogiado pelo seu trabalho a partir de um olhar próprio, apoiado em convicções e opiniões, não em fatos concretos acerca do acontecimento.

A seguir, rodam matérias referentes à Defesa Civil, ao assalto no bairro Santa Fé e a chamada seguida de reportagem sobre o suicídio infantojuvenil. Em termos jornalísticos, as matérias dessa sequência não possuem convergência entre si, sendo assuntos muito divergentes para serem tratados sequencialmente. Antes de ocorrer o último intervalo comercial, o programa faz chamadas para matérias sobre o problema para consultas com ginecologistas, além de fazer propaganda para a estreia da nova temporada do *reality show Power Couple*.

Nota-se que a partir do momento em que Alexandre Mota endurece os comentários após a exibição das reportagens, não há mais a participação direta

do telespectador. No entanto, o programa usa-se de outro recurso para chamá-lo para mais perto. No dia em que essa edição foi ao ar era comemorado o Dia do Chimarrão, portanto, o programa solicitou aos telespectadores para que enviassem fotos tomando a iguaria gaúcha. A bebida, típica do Rio Grande do Sul, é um patrimônio cultural que os gaúchos cultivam com bastante carinho. Ao introduzir a chamada da reportagem sobre o assunto, Alexandre Mota faz uma breve declaração sobre o chimarrão e de como ele mantém uma relação de amor e paixão com o povo gaúcho. Nesse sentido, cria-se aqui mais uma estratégia para conseguir uma aproximação e o carinho de quem o assiste.

O último bloco do programa apresenta três reportagens que não possuem o caráter de *hard news*⁵, com exceção da matéria sobre a dificuldade em consultas com ginecologista. Ao encerrar o programa, Alexandre Mota exhibe fotos enviadas pelo *WhatsApp* sobre o hábito de tomar chimarrão, seguido da leitura de recados com beijos e abraços ao apresentador. Dessa forma, ele consegue manter seu telespectador preso ao programa. Essa estratégia funciona na medida em que o público quer participar e aparecer na televisão, retroalimentando essa proposta de aproximação. Portanto, pode-se concluir que a audiência tem tendência a se manter estável durante todo o programa.

4.2.2 Segundo dia

A segunda edição objeto de análise é a do dia 25 de maio de 2018. Nesta ocasião, contabiliza-se três inserções e três intervalos, conforme padrão estabelecido pelo programa. A atração também contou com quinze chamadas para as matérias, além de dez momentos para *merchandising*, nove *mochilinks*⁶ e oito reportagens.

Nesta edição, a primeira chamada de matéria, que deve ser a mais importante, a fim de fazer com que o telespectador mantenha-se assistindo, foi em relação ao calor fora de época. Em relação a valor-notícia, não há algum, uma vez que essa temática não torna-se relevante a ponto de ser a primeira chamada da edição do Balanço Geral. Em seguida, há chamadas para matérias com temas policiais, que é o caso do feminicídio no bairro Humaitá, o

5 O termo diz respeito às notícias factuais. O formato pode englobar temas como política, sociedade, além de flagrantes e acidentes.

6 Transmissão de imagens através de Internet 4G.

tiroteio ocorrido no bairro Cascata, além da morte de um taxista na cidade de Parobé, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Passa-se os primeiros seis minutos de programa com essas chamadas.

Em seguida, há a primeira inserção, que dura aproximadamente dois minutos e que inclui uma chamada para o tiroteio no bairro Cascata. Na volta do intervalo, exibe-se a reportagem sobre a aposentadoria de um cão do quartel do Exército em Nova Santa Rita. Embora aqui não haja um valor-notícia que a pusesse como prioridade na transmissão, Alexandre Mota tece um breve comentário sarcástico, onde cita o famigerado rombo na previdência, afirmando que os políticos trabalham menos do que o cachorro em questão. Ao fazer comentários como esse, ele está novamente se aproximando do telespectador, fazendo com que ele crie um carisma pelo jornalista, a partir do momento em que emite opiniões com as quais seu público concorda.

Após três chamadas e uma propaganda, ocorre a segunda inserção do programa. Em uma chamada sobre o assalto à farmácia, onde a vítima reagiu disparando uma arma de fogo, Alexandre Mota cita os direitos humanos, declarando que o órgão fica triste com o ocorrido com os ladrões. Nesse momento, ele também cita um medo de possível retaliação a vítima. Quando o programa volta ao ar, faz-se mais uma chamada e um *merchandising* antes da entrada de Nando Gross com o Balanço na Rede. Ao término do quadro, há uma chamada sobre feminicídio e outra sobre o tiroteio no bairro Cascata. O apresentador classifica este ocorrido como uma guerra, citando angústia, pânico, violência, desespero como palavras que resumem o fato. Além disso, ele cobra um pronunciamento oficial do Secretário de Segurança Pública, Cesar Schirmer, solicitando que a produção do programa o ponha na linha, algo que aparentemente, estava fora do que fora planejado no espelho do programa. Dito isso, pode-se concluir que Alexandre Mota possui total liberdade no comando do Balanço Geral, pois é habitual que o mesmo recorra à produção para solicitar informações complementares. Sobre essa preocupação de noticiar o mais breve possível, José Arbex Jr. (2001) afirma que

Ser mais rápido tornou-se uma demonstração de prestígio, de poder financeiro e político. É por essa razão que toda a produção da mídia passa a ser orientada sob o signo da velocidade (não raro, da precipitação) e da renovação permanente.” (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 88)

Nesta edição nota-se o uso de *mochilinks*, recurso em que os repórteres fazem entradas ao vivo. O primeiro a ser feito é em relação ao assalto à farmácia. Mota, mais uma vez, cita os direitos humanos, afirmando que eles chamariam as pessoas que tivessem a mesma reação que a da vítima de *serial killer*. No entanto, ao citar seu papel de informar, alegando que é direito do telespectador saber, afirma que a vítima deveria ser condecorada, solicitando aplausos ao comerciante através da sonoplastia do programa. Esta visão em relação aos direitos humanos vai ao encontro ao senso comum, que integra o pensamento de grande parte dos telespectadores do programa, das classes C e D, majoritariamente.

O programa, a seguir, exhibe três reportagens – duas são de cunho policial –, e quatro chamadas. Além disso, há também três *mochilinks* e três *merchandisings*. Destes, com exceção das propagandas, somente uma reportagem e um *mochilink* abordam assuntos que não sejam de temas policiais. Após o último *mochilink*, há três chamadas; a única de cunho policial, referente a um feminicídio, recebe comentários do apresentador que, novamente, entra no senso comum. A respeito disso, Guy Debord (1997, p. 189) argumenta que “os veículos da mídia participam do “consenso fabricado” muito mais por inércia preconceituosa e ignorância intelectual do que por uma vontade política consciente”.

Na ocasião, Alexandre Mota entra em contradição, ao afirmar que não pode responsabilizar as vítimas pelas fatalidades que ocorrem. No entanto, indaga o porquê da vítima não ter procurado ajuda, ignorando os inúmeros motivos que podem levar a essa decisão. Essa contradição também permeia o senso comum reproduzido pelas classes populares que acompanham o Balanço Geral RS. Nos recados enviados ao *WhatsApp* do programa, os telespectadores concordaram com o que estava sendo dito. Embora haja essa concordância, dados apontam que o maior número de vítimas da violência doméstica e do feminicídio vem justamente dessas classes.

De acordo com o Mapa da Violência de 2015, realizado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, entre 2003 e 2013, o homicídio de mulheres negras aumentou de 1.864 para 2.875. Geralmente, as vítimas de feminicídio são mulheres jovens, negras e pobres. Alexandre Mota também pôs em

questionamento a efetividade da medida protetiva, pois não há a garantia de ninguém de que ela realmente funcione, sugerindo prisão perpétua aos agressores.

Até a última inserção da edição que está sob análise, há três momentos de *merchandising*, três chamadas, dois *mochilinks* e uma reportagem, além da interação do apresentador com seus telespectadores através do *WhatsApp*, onde alguns comentários têm a discordância de Mota, o que denota uma pluralidade no público-alvo e um espaço para que todos que estejam dispostos possam expor suas ideias no programa. Passada a inserção, três *mochilinks* são feitos, além de três reportagens e dois *merchandisings*, seguido de beijos e abraços solicitados pelos *WhatsApp* do Balanço Geral.

Mesmo em uma edição atípica como essa, onde repórteres entraram ao vivo diversas vezes durante as três horas de exibição do programa, é perceptível a padronização nas edições. Nessa, especificamente, nota-se uma certa estranheza no seu modo de exibição, pois o programa não é habituado a *mochilinks*, e sim a reportagens durante todo o programa, utilizando-se desse recurso de transmissão ao vivo somente quando há alguma matéria que entra de última hora no espelho da atração. Este estilo de fazer o Balanço Geral soa como uma maneira de controlar melhor o tempo e certa improvisação, visto que nas três edições analisadas, o apresentador, por diversas vezes, pede auxílio da produção, tanto para complemento de informação, quanto para questionar sobre algo que foi exibido.

4.2.3 Terceiro dia

Já no terceiro e último dia de edição para análise, inicia-se novamente o programa com os destaques do dia, com duração média de seis minutos. Nesta exibição, as principais notícias são sobre o ônibus da empresa Transcal, que atende a região metropolitana da cidade, a perseguição policial no bairro Camaquã, além da ação em Guaíba, envolvendo fraude na saúde pública da cidade. No total, foram exibidas quinze reportagens, além de dez chamadas, nove momentos para *merchandising* e cinco *mochilinks*.

Neste dia, 26 de abril de 2018, o programa adotou o recurso de *mochilinks* novamente. Após o *merchandising*, a chamada seguinte aborda o feminicídio, dessa vez, falando sobre o velório da mulher assassinada pelo

companheiro, morta no dia anterior. Isso cria uma linha do tempo construída ao longo das edições, o que leva o telespectador a assistir ao Balanço Geral para poder acompanhar o desdobramento da história, numa relação de fidelidade com o programa e o que ele apresenta.

Quando a primeira inserção vai ao ar, Alexandre Mota lê os comentários. Em um deles, um telespectador afirma que o apresentador “é o cara que a sociedade precisa”. Lisonjeado, ele agradece o carinho. Os comentários, selecionados previamente pela produção do programa, dão um termômetro ao apresentador. Conforme percebido na observação participante realizada no dia 8 de maio de 2018, Alexandre Mota preocupa-se bastante com o andamento da audiência, perguntando frequentemente ao editor-chefe como está sendo a recepção do público. Sendo assim, receber afeto de quem o assiste é uma prova de que ele é mais do que um apresentador. Para os telespectadores, Alexandre Mota é um verdadeiro representante de uma parcela da população que encontra-se em vulnerabilidade social.

Ao término dos comentários, vai ao ar a reportagem sobre feminicídio. Nesta exibição, o jornalista mostra-se bastante crítico. Seus comentários vão desde o poder público, até as iniciativas de combate a esses crimes, como a Patrulha Maria da Penha, que ele classifica como “trampolim eleitoral”. Além de suas observações, os telespectadores também participam enviando mensagens através do *WhatsApp* do programa.

Antes de entrar ao ar o quadro Balanço na Rede, são exibidas três chamadas, onde uma é sobre o quadro de Nando Gross, além de uma inserção que contém uma chamada sobre a operação realizada pelo Ministério Público na cidade de Guaíba. Na ocasião, Mota sugere uma “faxina geral nesse país”, referindo-se à onda de corrupção que assola o território. Após a exibição do Balanço na Rede, há mais uma chamada, seguida da reportagem sobre a perseguição no bairro Camaquã, que resultou na morte de um dos perseguidos. Esse fato traz irritação ao apresentador, que possui certa resistência ao falar “suspeito”. Mostrando que está a favor da Brigada Militar, afirma que “coleguinha de imprensa adora manchar o nome da Brigada Militar”, considerando injusto que policiais sejam denunciados pelo Ministério Público por homicídio. Mais uma vez, Alexandre Mota faz comentários que compactuam com a opinião de seus telespectadores, dando a eles mais uma

vez a voz que lhes é silenciada por outras emissoras, quando não abordam assuntos que os atinjam de maneira mais imediata.

Logo após esses comentários, três reportagens são exibidas em sequência. As duas primeiras tratam de modo mais direto com o telespectador. Enquanto uma fala sobre a falta de segurança aos trabalhadores da GM (General Motors) em Gravataí, outra trata do estado dos ônibus da empresa Transcal, onde há uma dura crítica aos empresários, que Mota afirma que só pensam em lucrar, sem pensar no seu consumidor final. Durante esse comentário, vários telespectadores mandaram mensagens questionando a cidade de atendimento dessa empresa - Gravataí ou Cachoeirinha, uma vez que houve imprecisão. Portanto, o jornalista solicita à produção do programa para que vá atrás da informação correta. Isso denota uma falta de conhecimento sobre o assunto que está abordando. Porém, embora haja esse desconhecimento acerca da cidade de atendimento do ônibus, o telespectador vê aí uma maneira de participar do programa como contribuinte da notícia, ao reportar o erro de informação ao programa.

Na reportagem sobre a fraude descoberta através da investigação do Ministério Público, Alexandre Mota tece mais comentários que fogem aos princípios jornalísticos, assumindo uma opinião pessoal ao alegar que acredita que há mais coisas a serem investigadas nesse caso. Portanto, nota-se que o jornalista lança suas inquietações e questionamentos ao vivo, esquecendo que ali deve exercer o papel de apresentador, ainda que ele seja um cidadão comum tanto quanto quem o assiste.

Nesta edição, o assunto que mais envolveu a participação dos telespectadores foi em relação ao velório da vítima de feminicídio em São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre. Após a chamada sobre a matéria da corrupção na Câmara de Vereadores de Guaíba, foi exibida a reportagem sobre a cerimônia fúnebre. Alexandre Mota ressalta que a Record TV RS lhe dá total liberdade para trabalhar. Dessa forma, ele também pode fazer comentários livremente, assumindo, logicamente, a responsabilidade por seus atos. Essa declaração somente reafirmou o que já havia sido constatado nas análises das edições anteriores deste trabalho. O apresentador também cita a manifestação dos telespectadores em relação ao caso e frisa sobre mulheres que são mortas mesmo quando estão sob medida protetiva,

declarando uma frustração com o trabalho da polícia.

Assim como na edição anterior, esta edição possui *mochilinks*. Após o momento de *merchandising*, o primeiro é referente a um atropelador. A repórter dá as informações, seguindo-se para uma reportagem que trata sobre a fraude ocorrida em Caxias do Sul, na Serra gaúcha.

A partir de então, somam-se quatro *mochilinks* e cinco momentos para o *merchandising*. Os *mochilinks* abordam operações da polícia, a morte por toxoplasmose e o crime ocorrido em uma pizzaria em Alvorada, onde duas pessoas foram mortas por briga ocasionada por sachês de *ketchup*. Os fatos noticiados não produzem muitos comentários do apresentador, que dedica poucos segundos para fazê-los, neste caso. Após os *mochilinks*, exibe-se uma reportagem a respeito do Marcinho VP, seguida de um *merchandising* e retornando ao recurso de *mochilink* para falar sobre o aniversário da Rádio Guaíba, que integra o grupo Caldas Júnior. O programa realizou uma reportagem a respeito da festividade, que foi exibida logo em seguida.

O Balanço Geral apresenta três chamadas na sequência sobre uma ponte que está em más condições, a Orla do Guaíba e o escândalo envolvendo um vereador em Guaíba. A reportagem a ser exibida primeiro é a da ponte localizada na cidade de Araricá e ganha comentários do Mota, que questiona o destino do dinheiro de impostos, procurando saber o que as autoridades dizem a respeito. As perguntas retóricas que o apresentador elabora enquanto comenta as matérias indica novamente uma tentativa de aproximação com seus telespectadores, uma vez que eles também podem perguntar-se sobre o que é feito com o dinheiro arrecadado pelo Governo.

A seguir, as reportagens sobre a Orla do Guaíba, a segurança da cidade e a fraude ocorrida em Guaíba vão ao ar. Embora a pauta a respeito da segurança da cidade seja extremamente relevante aos cidadãos, ela não foi anunciada em uma chamada pelo apresentador em nenhum momento do programa. Isso acaba fugindo do padrão estabelecido pelo Balanço Geral, onde os temas mais urgentes à população são anunciados constantemente para que elas se mantenham atentas à programação.

A respeito da reportagem sobre o escândalo em Guaíba, o apresentador realiza um “fala povo”. Após este momento, ele lê as mensagens que os telespectadores deixaram no mensageiro oficial do programa. Ao ler um recado

de um deles, onde faz declarações sobre um vereador, Alexandre Mota avisa que não pode ler o que ele mandou, por conta das retaliações através de processos judiciais que possa sofrer, ainda que não tenha sido ele quem tenha escrito o que leria. Esse cuidado na leitura das mensagens confirma-se na fala de Alexandre Mota em entrevista concedida no dia 10 de maio de 2018 (ver anexo). Ao não personificar as denúncias e comentários, o apresentador, ainda que tenha provas contra os envolvidos, a emissora adota medidas que protegem o jornalista, justamente por conta de possíveis reações dos atingidos por seus comentários.

O último momento de *merchandising* antes da última inserção e intervalo comercial, precede a reportagem a respeito do filme Nada a Perder, do bispo Edir Macedo, dono da emissora. Após esta exibição, o apresentador efetua a chamada da reportagem sobre a Orla do Guaíba. Em termos de atualidade dos fatos, as últimas matérias que foram transmitidas não possuem um valor-notícia ao estilo *hard news*, que contempla assuntos que devam ser tratados com urgência por conta do tempo de atualidade que possuem.

Ao término da última inserção e, conseqüentemente, intervalo, são exibidas três reportagens e dois *merchandisings*, um antes e outro depois da última matéria, encerrando o programa antes do apresentador mandar beijos e abraços aos telespectadores. A primeira e a última reportagem desta seção são sobre programas da Record, uma da afiliada e outra da rede nacional. A segunda, no entanto, trata-se das obras na Orla do Guaíba, que estão para serem concluídas em breve. Percebe-se neste bloco, que não há nenhuma reportagem que trate de temas urgentes, ao contrário das outras edições, que contaram com matérias que afetam o cotidiano dos telespectadores do Balanço Geral RS.

4.3 Observação participante

Alexandre Mota chega com uma cara pouco amistosa às 10h30 e não cumprimenta as pessoas que estavam na redação. Ao perceberem o fato, os colegas, quase que um a um, foram dando bom dia a ele. Nisso, ele se senta e começa a revisar os textos dos *merchandisings* que entrarão ao longo de todo o programa. Enquanto isso, o editor-chefe vai montando o espelho que, me diz de antemão, não é estático, podendo ser mudado ao longo da atração.

No espelho, já estão programados os que ele chama de “já, já” - que é quando o apresentador diz que alguma notícia já será veiculada, fazendo com que o telespectador continue assistindo para poder ver a notícia. Quase o mesmo acontece em relação aos *merchandisings*, que entram na programação conforme a audiência no momento. Outro recurso que a equipe utiliza é da chamada “inserção”. Segundo o editor-chefe, a inserção é outra estratégia para fisgar o telespectador, pois o *WhatsApp* do Balanço Geral RS recebe recados de quem os assiste e muitos deles são lidos no meio dos intervalos, então o telespectador não muda de canal nesse período, pois espera que sua mensagem seja lida ao vivo.

Percebo que quando o editor-chefe, José Henrique Rosito Ferraro, aborda o jornalista para fazer algum comentário sobre alguma reportagem que entrará no ar ou sobre algo que aconteceu, ele é ríspido, comentando que já recebera um relatório da madrugada e, portanto, está sabendo das notícias - e a de maior repercussão, até o momento, era de uma bomba no Morro Santa Teresa. O jornalista também brinca ao dizer que o pessoal da equipe está mandando ver na edição, num tom de deboche com quem trabalha nessa parte.

Depois de revisar os textos dos *merchandisings*, ele pede ao “Zé”, seu editor-chefe, para que leia algumas notícias solicitadas por ele a fim de que ele faça a chamada e a cabeça da matéria. Ele redige as cabeças em voz alta enquanto as digita no computador – num sistema próprio para esse tipo de serviço. Aqui, ele também faz o texto que vai no GC (gerador de caracteres), com o auxílio do editor-chefe eventualmente. Faltando 15 minutos para o início do programa, o apresentador se levanta e vai ao camarim, onde se arruma e é equipado com microfone e ponto eletrônico, por onde o editor-chefe conversa durante a apresentação.

Na primeira metade do programa, assisto a edição do *switcher*. Ao lado do editor-chefe, observo o que ele faz enquanto Mota apresenta. Nessa ocasião, ele inverte a ordem das primeiras matérias que iriam ao ar, num ato imprevisível que pegou até mesmo o apresentador de surpresa. Por causa desse imprevisto, Mota começa, logo no primeiro intervalo – aos 6 minutos de programa – a xingar o diretor. Ele questiona do porquê da inversão que, segundo ele, acontece sempre. Seus argumentos são de que ele precisa ser

atualizado do que está acontecendo no espelho, justamente por ser o apresentador e saber da ordem das notícias, pois é quem está à frente do programa. Durante a apresentação das matérias, é possível a partir do *switcher*, saber o que o Alexandre Mota está dizendo, num contato instantâneo com o editor-chefe. Em determinado momento, José Henrique Ihe diz que a situação não é de brincadeira e que ele só poderia fazer isso depois.

O editor-chefe, durante toda a edição do Balanço Geral RS, cuida o tempo para que seja possível veicular todas as notícias que estão no espelho. Além disso, ele confere através do Ibope a audiência do programa, que começa em 3º lugar no *ranking* – RBS e SBT estão na frente. Ele comenta que, assim que o programa começa, a Record já sobe alguns pontos e, ao longo do tempo, desbanca o SBT na audiência e assume a vice-liderança. No tempo que estive no *switcher*, a pontuação era, inicialmente, 6, contra 18 da RBS. Após meia hora de programa, a audiência subiu para 6.7, 7.1, chegando a 8.6 durante a primeira hora. Essa vigilância no Ibope é bastante questionada pelo Alexandre Mota durante as três horas de edição. A todo tempo, ele pergunta como está a audiência, se ela caiu muito, se estamos bem.

Às 12h30, aproximadamente, o jornalista Nando Gross apresenta um quadro chamado Balanço na Rede, onde fala exclusivamente sobre futebol. O quadro se encerra no horário aproximado em que acaba o Esporte Espetacular, apresentado na RBS por Alice Bastos Neves. Nesse momento, é dada a matéria mais forte ou inédita, a fim de captar quem está trocando de canal. Após a primeira hora de programa, o Balanço Geral RS atinge 11 pontos no Ibope, enquanto sua concorrente, RBS, apresenta 17 pontos. Segundo o editor-chefe, isso é um bom caminho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou, por meio da análise de três edições do programa Balanço Geral RS, bem como da observação participante e da entrevista realizada *in loco* com o jornalista Alexandre Mota, compreender e esclarecer os recursos estratégicos e audiovisuais empregados no programa transmitido pela Record RS. Dessa forma, foi possível buscar o entendimento acerca dos métodos estratégicos que fazem com que o Balanço Geral obtenha a consolidação enquanto produto jornalístico que atingiu nos dias de hoje.

A escolha por esse objeto, bem como a linha de estudo que se delimitou neste trabalho nos estimula a construir diversas conclusões acerca do programa. Através de pressupostos teóricos buscados durante este processo, a pesquisa conseguiu esclarecer como o programa se construiu ao longo de mais de uma década de exibição na televisão gaúcha. A figura do Alexandre Mota, presente no cotidiano das camadas mais populares da sociedade - C e D, é emblemática a partir do momento em que busca, durante a construção do Balanço Geral RS uma identificação com o público para o qual se destina. Para ser capaz de atingir esse objetivo, o jornalista faz uso da emoção, que humaniza seu produto jornalístico, bem como fideliza seus telespectadores.

A forma caricata com que se apresenta, bem como a profusão de comentários que condizem com o senso comum incutido nesta população socialmente vulnerável, faz da imagem de Alexandre Mota um espelho e uma representação do que seus telespectadores são e esperam que vejam na televisão. O jornalismo nada mais é do que um canal de comunicação onde a população pode informar-se sobre o que acontece em seu cotidiano. No caso do Balanço Geral, além de levar informação aos seus telespectadores, há um exagero na forma como isso é feito, uma vez que tanto o apresentador, quanto o programa se utiliza da emoção e da tentativa de tornar-se uma representação de quem o assiste.

Dessa forma, Alexandre Mota, ainda que não tenha a vivência que as pessoas de camadas mais populares da sociedade têm, pois encontra-se distante economicamente e socialmente destas pessoas, monta seu discurso em torno dessa tentativa de aproximar-se com seu público. Ainda assim, muitos se reconhecem com o que é mostrado na televisão, o que faz com que a figura

do jornalista seja uma personagem construída justamente para conseguir esse apreço e laço afetivo que, com estas estratégias de emoção e aproximação, ao longo de uma década, tem se consolidado no cenário gaúcho.

Essa maneira de apresentar-se aos seus telespectadores leva-nos a acreditar num afastamento do fazer jornalístico, uma vez que isso também implica na ética. Conclui-se isso com base no que diz os pressupostos teóricos referentes ao papel do jornalista no exercício de sua profissão. Neste caso, o profissional deve estar atrás da notícia e não à frente, uma vez que o produto jornalístico deve ser priorizado, e não o seu emissor.

Por fim, considera-se que o recurso da emoção e de constranger-se para que se encaixe no padrão de seus telespectadores é uma estratégia que tem dado certo neste programa. Entretanto, ressalta-se que este recurso beira a infração dos códigos de ética e moral do jornalismo. A construção de um personagem num programa de notícias deve ser abandonada pelas redações de televisão, uma vez que forma-se uma imagem distorcida de um jornalista, com a justificativa de que está se fazendo jornalismo, quando, antes de tudo, está se fazendo uma dramatização da profissão de jornalista.

Indubitavelmente, o Balanço Geral RS é um programa que tem atingido seus objetivos, alcançando camadas populares da sociedade que outras emissoras não conseguiam; porém, o fazer jornalístico fica em segundo plano. Embora considerando que a Record RS é uma empresa privada e, conseqüentemente, busca o lucro através do seu trabalho, fica nítida a tentativa da emissora de buscar cada vez mais audiência.

Este processo se dá não pela relevância de levar notícias para estas pessoas, mas sim pela preocupação em atingir números satisfatórios nas pesquisas da audiência, não importando a maneira. Dessa forma, englobam-se aqui os recursos audiovisuais, tais como músicas de tensão, repetição exaustiva de imagens, além do número semelhante de reportagens e de *merchandisings*.

Ao colocar em prática essas estratégias, o Balanço Geral RS torna-se um programa efetivamente apelativo, a partir do momento que até mesmo o apresentador, na figura de jornalista, integra o momento de *merchandising*, ora como anunciante, ora como garoto-propaganda. Com a união dessa e de outras maneiras de conquistar audiência, ele se constitui como uma figura

altamente positiva, já que através da construção de uma identidade semelhante a de seus telespectadores, o produto para o qual anuncia se transforma num sinônimo de sucesso graças à fórmula adotada pela emissora de fazer com que Alexandre Mota torne-se uma referência.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M.F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

AMARAL, M. F. **Sensacionalismo, um conceito errante**. In Texto (UFRGS. Online), Porto Alegre, v. 13, p. 01-13, 2005.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, Lisboa: Edições 70, 2010, 281 p.

BEZERRA, Wagner. **Manual do telespectador insatisfeito**. São Paulo, Summus, 1999.

COMO E ONDE. **Programa Balanço Geral RS - Rede Record RS**. Disponível em: <<http://comoeonde.com/programa-balanco-geral-rs-rede-record-rs/>>. Acesso 20 de março de 2018.

EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

FÉLIX, Idemburgo. Associação Brasileira de Leitura Comparada. Limites: anais, Volume 1. São Paulo, EdUSP, 1995.

FENAJ – FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso: 5 de junho de 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA, V. F. D. **Programa Balanço Geral: Telejornalismo Popular e Novos Imaginários Urbanos de Porto Alegre**. In: Intercom, 2009, Curitiba. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3356-1.pdf>>. Acesso: 10 de abril de 2018.

FONSECA, V. F. D. **Telejornalismo popular e sensacionalismo no programa Balanço Geral**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Modernas, 1988.

RECORD TV RS. **Conheça a Record TV RS**. Disponível em: <<http://www.recordtvrs.com.br/conheca-a-record-tv-rs-09052017>>. Acesso: 21 de março de 2018.

SADER, Emir. **Jornal do Brasil**, 1997.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

WAISELFISZ, Julio. **Mapa da Violência 2015**. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso: 8 de junho de 2018.

WIKIPÉDIA. **Alexandre Mota**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandre_Mota>. Acesso 21 de março de 2018.

APÊNDICE A – Termo de consentimento

APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
AUTORIZAÇÃO

Eu, ALEXANDRE HERNANDES MOTA

RG nº 20.057.878 SSP/SP abaixo assinado(a), autorizo a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas e fotos ou imagens em vídeo captadas e/ou cedidas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **IMAGENS VERBAIS E NÃO VERBAIS NAS NARRATIVAS TELEVISUAIS DO PROGRAMA BALANÇO GERAL DA RECORD TV (RIO GRANDE DO SUL)**, da aluna ANA PAULA MACHADO, com a orientação do Prof. Dr. FLÁVIO A.C. PORCELLO. A presente autorização é concedida gratuitamente, de livre e espontânea vontade, não sendo recebido qualquer tipo de remuneração para o uso de tais informações e imagens, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem.

Porto Alegre, 10 de MAIO de 2018.



Assinatura do entrevistado

Assinatura do entrevistador

APÊNDICE B - E-mail de solicitação de pesquisa

13/06/2018

Gmail - Solicitação para pesquisa para UFRGS



Ana Paula Machado <anaspmach@gmail.com>

Solicitação para pesquisa para UFRGS

Flavio Antonio Camargo Porcello <flavio.porcello@ufrgs.br>
Para: Ana Paula Machado <anaspmach@gmail.com>

9 de abril de 2018 16:19

----- Mensagem original -----

Assunto:Solicitação para pesquisa para UFRGS

Data:2018-04-09 16:16

Remetente:Flavio Antonio Camargo Porcello <flavio.porcello@ufrgs.br>

Para:<dlandrade@recordtvrs.com.br>

Prezado sr. Daniel Andrade

Gerente de Jornalismo

Record TV RS

Prezado senhor:

Gostaria de consulta-lo sobre a possibilidade de autorizar a realização de pesquisa científica sobre o programa Balanço Geral RS e o apresentador Alexandre Mota.

Trata-se da pesquisa que embasará o trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna de Jornalismo ANA PAULA MACHADO que tratará das narrativas audiovisuais empregadas no programa.

Para tanto seria importante que ela pudesse acompanhar o "fechamento" da edição e a apresentação "ao vivo" (entre 12h e 15h) de uma edição do programa Balanço Geral RS no corrente mês de abril.

Seria importante também que ela possa ter acesso ao apresentador Alexandre Mota com a possibilidade de entrevista-lo.

A solicitação para que a coleta de dados seja feita em abril é por conta dos prazos para a conclusão pois o TCC deverá ser submetido à banca examinadora em junho de 2018.

O trabalho está sendo orientado por mim, que sou pesquisador da área de telejornalismo e integrante do conselho consultivo da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo do Brasil (TELEJOR).

Grato por sua atenção.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Flávio Porcello

Coordenador do Grupo de Pesquisa

Televisão e Audiência (GPTV)

Faculdade Biblioteconomia e Comunicação

UFRGS

(51) 99981.6312

ANEXO A – ENTREVISTA DE ALEXANDRE MOTA

Entrevista com Alexandre Mota 10/05/2018

1. Há quantos anos estás trabalhando com jornalismo?

No Jornalismo, de outubro de 1991 até agora. São quase 27 anos. Comecei em televisão em 1995. Em 1991, comecei em rádio como produtor e repórter de um programa chamado Rádio Polícia, na extinta Rádio Cultura de Santos. Era uma rádio que ia ao ar pelo AM em Santos, que já foi fechada. Depois, eu trabalhei como repórter de Geral, fazia tudo – política, economia, factual – na CBN no Grupo Globo, em Santos. De outubro de 1991 a dezembro de 1994 trabalhei na Rádio Cultura e depois fui para a CBN.

Em setembro de 1995, fui para Cuiabá, fui trabalhar no SBT – minha primeira experiência na TV. Eu fazia tudo, na verdade. Fiquei quatro anos no SBT. Teve uma época no SBT que houve uma parceria com a CBS norte-americana, então eram noticiários curtos ao longo da programação e eu apresentava na bancada. Não era uma coisa popular, era um noticiário padrão, digamos assim – chamamos de 3x4. Saí do SBT em 1998 e fui para a Record em Cuiabá. Na Record em Cuiabá, trabalhei como repórter e depois como apresentador de dois programas: Cadeia Neles, que era na hora do almoço, no horário do Balanço Geral lá. É uma afiliada, então não tem a obrigação de seguir a risca a programação da Record, é um programa bem popular, muito mais do que o Balanço Geral, estritamente policial e eu era repórter e, às vezes, apresentava. Cobria folgas do apresentador. Comecei a apresentar o MT Record – noticiário que falava de tudo com pequenos períodos para comentar.

Em 1998, como repórter de rede, fazendo tudo, como em toda emissora pequena. Estava apresentando MT Record, trabalhando como repórter na Record em Cuiabá. Trabalhei em dois jornais diários: Folha do Estado e a Gazeta, que são jornais importantes na região centro-oeste. Então, peguei férias e fui visitar a Record em São Paulo. Lá na Record em São Paulo, acabei indo num dia para passar o dia e saí para acompanhar uma equipe na rua. O chefe de rede, na época, conhecido Grego, me chamou para ir no outro dia. No terceiro dia de visita, um repórter faltou, então me mandou com uma equipe na

rua para fazer matéria. Não só fiz a matéria, como também caiu uma tempestade daquelas na cidade, que provoca enchentes, e precisava de alguém que fizesse *motolink*: subir numa moto e ir para algum ponto da cidade para mostrar a inundação. Lembro que o meu chefe da época era o Daniel Evangelista, que hoje é chefe na Globo News. Ele perguntou se eu tinha medo de moto e eu não tinha medo, tinha pavor. Mas na hora, aprendi uma coisa: nunca diga não, aparece uma oportunidade... Disse que não tinha. Ele disse, então, vai até o PJ, onde tem os equipamentos, pega uma roupa especial para dias chuvosos, e vai fazer chuva, entrar ao vivo. Aí entrei, era o Datena que apresentava na época e ele gostou muito do que fiz.

Voltei no quarto dia, no quinto dia era um final de semana e me perguntaram se eu queria fazer uma matéria pro Cidade Alerta da semana seguinte. Aceitei e na segunda-feira, fui me despedir do pessoal e o diretor da época era o Luiz Gonzaga Mineiro e ele me chamou. Perguntou quando eu voltaria para Cuiabá e, quando respondi, ele disse que tinha uma proposta para me fazer. Perguntou quanto eu ganhava, eu respondi exatamente quanto e ele me ofereceu 3 vezes mais para vir trabalhar em São Paulo. Quando fui trabalhar em São Paulo, não fui trabalhar no Cidade Alerta primeiro, fui trabalhar no Fala Brasil fazendo economia. Eu era setorista de economia e quem apresentava era o Rodolfo Gamberini e a Mônica Waldvogel. Aprendi muito com a editora especialista em Economia.

Na Record, fiz todos os jornais, até esportes. Quando prenderam o filho do Pelé, entrava no esporte falando do assunto. Participei de vários pilotos. Fiz SP no Ar, Domingo Espetacular, SP Record, fui repórter do Domingo Espetacular, fazendo ao vivos e fui repórter de helicóptero por 3 anos. Duas vezes o apresentador do SP no Ar, Luciano Faccioli, faltou e eu apresentei no lugar dele. Saí da Record em 2007, voltei pra Cuiabá, fiquei 4 meses, voltei para SP para cuidar da saúde da minha mãe. Trabalhei 4 meses na Band e apresentei o SP Acontece. A Flávia Cavalcante pegou folga uma vez e fiquei 2 semanas apresentando. Então recebi o convite para fazer um piloto na Record, que nunca tinham acreditado em mim, nunca tinham me chamado para fazer piloto na Record. Na Band, fazia das 7h às 19h.

Gravei um piloto no carnaval de 2008 e no outro dia, tava fazendo o Band Folia no litoral de SP. Voltei pra Capital e na outra semana, tava fazendo

reportagem para Band e me ligaram da Record pedindo para que eu estivesse lá por volta das 17h. Eles gostaram do meu piloto e me apresentaram o contrato para fazer o Balanço Geral. Fiquei sabendo antes de assinar que iria para Porto Alegre. Assinei na quarta, sete da noite e às sete da manhã estava aqui em Porto Alegre. Fiquei um ano fora da Record, de fevereiro de 2007 a fevereiro de 2008.

2. O programa tem um tom de denúncia. Já sofreu algum tipo de ameaça?

Extraoficialmente, já sofri várias ameaças. Oficialmente, sofri duas ameaças. Uma resultou em uma bomba que explodiu na porta do condomínio onde eu morava, quebrando o vidro da fachada do prédio, sem ferir ninguém. Eram duas bombas. Uma explodiu e a outra foi desativada pelo Gate. Fazia 15 dias que eu morava ali, na Marcelo Casado de Azevedo, no bairro Cristal. Inclusive, com exceção da Record, todas as outras emissoras deram a ocorrência e a RBS fez questão de dar meu endereço completo, tanto no ar, como na Zero Hora e no ClicRBS. Da outra vez, o suspeito era um traficante conhecido como Jura, que graças a uma denúncia feita no Balanço Geral, foi preso no Paraguai. Até hoje, é considerado patrão do Campo da Tuka.

A outra ameaça que também resultou em boletim de ocorrência e investigação, foi feita pelo Xande, que é o chefe do tráfico do condomínio Princesa Isabel, popular Carandiru, da Vila Planetário e de parte da Restinga. Ele me ameaçou, meus filhos, minha mulher e uma colega de trabalho. A sobrinha dela era namorada dele e ele mandou um recado por ela, que trabalhava como figurinista. Se eu falasse mais alguma coisa dele no ar, ele mataria a sobrinha dela, ela e minha família. Nós denunciamos no Balanço Geral que ele usava a produtora dele de funk para lavar dinheiro, que ele tinha uma frota de táxi também para isso. Denunciamos que ele era um dos homens mais ricos do Rio Grande do Sul e, na época, as outras emissoras debocharam da gente.

Um ano depois, aproximadamente, ele foi morto e depois da morte dele, descobriram tudo aquilo que nós havíamos denunciado no ar. Foi descoberto avião que ele deixava no aeroporto de Florianópolis, um patrimônio em bens móveis e imóveis, os táxis que foram apreendidos. O suspeito de ter mandado matar ele durante um churrasco numa casa em Tramandaí foi morto depois

dentro do refeitório da PASC – traficante conhecido como Teréu, que era chefe do tráfico de drogas na Lomba do Pinheiro.

3. Por conta das denúncias que vocês fazem no programa, tu já teve que mudar o discurso por conta dessas ameaças?

Não cheguei a mudar o discurso. Quando a denúncia chega, a gente tem a obrigação com a informação e com as pessoas que nos acompanham, de passar a informação apurada e tentar encontrar todos os dados da verdade. Não que eu mudei, mas a Record adotou uma mudança de evitar me expor a risco. Dosar denúncias como aquelas que acabaram provocando ameaças e também não personalizar. Quando tratar de um assunto, tratá-lo logicamente no âmbito geral, procurar aprofundar no assunto, mas sem acusações diretas. Sem acusar de forma contundente, mesmo tendo provas. Aí, basear as reportagens em cima dessas provas, mas não eu acusar diretamente uma pessoa ou outra.

4. Ao que tu credita o sucesso do programa? Pois já teve várias mudanças...

Eu acho que o Balanço Geral veio aqui pro Rio Grande do Sul para encher uma lacuna que existia. As pessoas não se viam na TV, elas não participavam das notícias, não comentavam, não tinham espaço para comentar e interagir nos programas jornalísticos. O telejornalismo gaúcho sempre foi referência nacional, inclusive quantos jornalistas formados aqui no Rio Grande do Sul hoje são grandes estrelas do jornalismo, correspondentes internacionais, repórteres especiais... Sônia Bridi, Caco Barcellos, Kovalick, Marcelo Canellas... esse padrão acabou engessando muito o telejornalismo regional.

No Brasil, existe o padrão Globo, aqui existia o padrão RBS, então tinha que ser exatamente daquele jeito e o jornalismo da RBS não atendia aos interesses do povo. Atendia a outros interesses: comerciais, governamentais. Os telespectadores não eram atendidos e o Balanço Geral veio para mostrar que Porto Alegre é uma cidade bonita, mas que tem violência. A violência sempre foi escondida pelo jornalismo da RBS. Os problemas da comunidade não apareciam nos noticiários da emissora. Eu cito RBS, mas as outras emissoras que existem aqui se contentavam em serem as primas pobres da RBS. Elas nunca ousaram. O jornalismo era um jornalismo extremamente

engessado, quadrado, com a bancada. Nada contra a bancada, mas era 1 minuto, no máximo 1:15 de reportagem, então não se mostrava nada sobre violência, precariedade na educação pública, nenhuma denúncia sobre saúde pública, não falava de saneamento básico, poucas denúncias no ar e, com a chegada do Balanço Geral, e é importante lembrar que no primeiro ano do Balanço Geral aqui no Rio Grande do Sul, ele patinou muito.

O primeiro apresentador foi o Luiz Carlos Reche, que ficou de julho de 2007 a fevereiro de 2008. Tinha jornalismo, mas mesmo sem bancada, tratava de assuntos gerais, mas nada contundente, de forma a defender os direitos do povo. Eu estreei, no dia 11 de fevereiro de 2008. Durante nove meses o Balanço Geral seguiu os moldes do Balanço Geral de São Paulo, que era contar histórias, folclores, lendas e não pegou aqui. Foi um desastre, inclusive em termos de audiência, não foi o que se esperava. Com a chegada de um novo diretor de jornalismo, o Virgílio Abranches Quintão, que hoje é diretor da Record São Paulo, houve uma reunião com a equipe. O editor-chefe do Balanço Geral RS, José Henrique Rosito Ferraro, a redação inteira estava presente. Ele sugeriu que fizéssemos jornalismo voltado pro povo, com denúncias, comunidade, factuais de polícia, com tudo o que for realmente do interesse do povo e todo mundo abraçou e começou a partir de outubro, novembro de 2009 a investir no jornalismo mesmo, direcionado às pessoas mais carentes. Mostramos que Porto Alegre era uma cidade bonita, mas que tinha inúmeros problemas a serem resolvidos, coisa que as outras emissoras não faziam. Então, a gente saiu de média 3 para média 11, conseguimos a alcançar média 15, 21 de pico fazendo jornalismo.

Várias vezes conseguimos 14 pontos de média e todos os dias com vários minutos na liderança: meia hora, 1 hora. Isso acabou forçando as outras emissoras a eliminar bancadas como a do Jornal do Almoço, a mudar o olhar que ela tinha em relação ao povo, aos problemas do povo e eu tenho orgulho de ter feito parte dessa mudança que acabou provocando também mudanças no jornalismo gaúcho como um todo. Eu me sinto honrado, muito feliz e grato de ter feito parte dessa mudança. A gente fala em mudança, mas no jornalismo ela é praticamente diária. Um professor de telejornalismo que tive na faculdade dizia que 6 meses é uma eternidade na programação de uma emissora de televisão. Então, a cada 3-6 meses, precisa mudar. O Balanço Geral mudou

muitas vezes, chegou a mudar para pior, nos anos de 2014 e 2015 houve uma crise na audiência muito grande, mas a gente se reinventou e isso é que é legal, a gente se reinventar, mudar e a gente vive para se mudar, se adaptar às mudanças e isso que é importante.

5. Tu falou sobre dar vez e voz para as pessoas. Como funciona o mecanismo dos teus comentários?

Foi o primeiro *slogan* do Balanço Geral: o programa que veio dar vez e voz ao povo gaúcho. 99,9% dos comentários são improvisados e de acordo com o que eu vejo e assisto no ar e respondo a muitos processos por isso.

6. O que o faz ser diferente é justamente dar vez e voz. O Jornal do Almoço agora está tentando fazer isso também, levando repórteres às periferias...

É bom isso. No início, eu achei muito forçado. E hoje eles estão aprendendo a fazer e vejo com bons olhos essa mudança deles aprenderem a fazer um jornalismo mais popular. É aquela história de se reinventar.

7. E como é a recepção nas ruas?

A cada dez pessoas, duas me xingam, oito querem me abraçar ou tirar fotos. Modéstia à parte, isso é bom. Uma coisa que eu gostaria muito e que teve no início do jornalismo popular do Balanço Geral lá no final de 2009 e acho que isso tá faltando... o Balanço Geral voltar para as ruas. Uma vez por mês ter um Balanço Geral fora do estúdio, numa comunidade como teve na Restinga, no Rubem Berta, em Cachoeirinha, Gravataí, Canoas, Igrejinha, Nova Petrópolis, Canela, e em várias outras cidades. Esse contato tá faltando um pouco, mas é a questão da crise, porque exige um aparato que não é barato, então exige um investimento que, em época de crise, é bom se evitar.

8. As ruas são o teu termômetro?

Meu termômetro são as ruas, os comentários do *WhatsApp*. A rede social que mais bomba durante o BG é o *WhatsApp*, que é 989112717. Eu dependo das estagiárias, a Gabriela de manhã, a Betânia à tarde, para me trazer os comentários para ler. Eles me fornecem e abastecem de comentários, críticas, muitos abraços. Isso é legal.

9. Percebe-se que tem um pessoal que gosta muito de te mandar beijos e abraços...

Tem gente que me dá bronca e quando tem, eu faço questão de ler, até

mesmo para provar que não existe dono da verdade, uma verdade absoluta. E tem gente que assiste ao Balanço Geral só pra falar mal e é legal isso também, assim como eu assisto a concorrência, para acompanhar. E tem gente que assiste ao Balanço Geral com um olhar extremamente crítico. Essa semana eu li quase uma carta de um telespectador muito assíduo, o Cristiano Rodrigues, que hoje é Policial Civil. Durante muito tempo, antes de assumir o cargo, ele mandava diariamente e muitas coisas eram pertinentes e eu me corrigia no ar. Essa semana, ele me mandou 4 correções: duas eu argumentei com ele e provei o porquê de eu ter feito aqueles comentários. Outras duas eu usei as informações que ele me passou para corrigir duas coisas que eu havia falado errado.

10. Como tu enxerga o teu papel como figura central no programa?

A profissão de jornalista tem uma responsabilidade social muito grande. Eu já cometi muitos erros, já cometi erros graves e a Justiça acabou corrigindo esses erros, pois ela existe justamente para isso – corrigir os excessos que a gente fala nos comentários. Eu não me vejo fazendo algo diferente disso. Sei que eu falei de se reinventar. Eu não sei o dia de amanhã, pode ser que eu volte a fazer um jornalismo mais quadrado, mais sóbrio, mas eu tenho um prazer muito grande de fazer o que faço todos os dias. Brigo muito com a equipe, pego muito no pé de todos eles, em alguns eu pego mais, mas eu nunca briguei por brigar. Sempre brigo para buscar informações, para fazer a coisa melhor. A equação no jornalismo é informação exata o mais perto possível da verdade ou das verdades e por outro lado, tenho o tempo. Exatidão versus tempo. Exatidão, difusão versus tempo.

Eu sou chato, insuportável, brigando pelo programa, pela notícia que eu vou apresentar para o telespectador. Temos esse compromisso de deixar as pessoas muito bem informadas, pois é através da informação que elas formam opiniões, que apuram o senso crítico e isso é importante. Esse é o papel social. De certa forma, sou um formador de opiniões.

11. Uma das características do programa é a descontração. Como consegue administrar a descontração com a seriedade?

Acontece na hora. Já teve uma época de outra gerente que ela queria espelhar as brincadeiras, que eu descontraísse na hora que ela colocava no espelho e não é assim. É durante o final de um comentário, alguma situação

que a gente se depara. Eu lhe juro, ela é extremamente natural e espontânea, não tem como prever. E é até bom descontraír um pouco, porque se levar a ferro e fogo, se levar ao pé da letra o programa, cada dia vai enfartar um da equipe.

12. Muitos acham que a credibilidade e a descontração são coisas que não dá para conciliar...

Mas dá pra conciliar descontração com seriedade. O Balanço Geral é a prova disso. A gente também trata as denúncias que sempre cobram em favor da população, dos menos favorecidos, mas tem muita gente que assiste esperando esse momento de descontração, pra eu dançar Lady Gaga, que eu não danço mais, porque é ridículo. Na época de estudante de ensino médio, eu fiz teatro e aprendi uma coisa lá: que a gente não tem que ter medo de ser ridículo, porque o ridículo faz parte.

13. Tu tem um termômetro de que as denúncias surtem efeito nas autoridades?

Às vezes sim, às vezes não. O termômetro é o acompanhamento que a produção faz. Quando vemos um caso que é assuntado. Às vezes um comentário ou uma reportagem ou os dois juntos acabam surtindo efeito ou forçando as autoridades a tomar providência em relação a um simples buraco ou a prisão de um traficante, como o caso do Jura.

Outro exemplo: um conhecido traficante de Porto Alegre que está preso há alguns anos, o Paulão, fomos nós que denunciemos que ele estava vivendo no Rio de Janeiro e a polícia não fazia nada e ela tinha conhecimento disso. A gente não pode provar o que acontecia, mas tinha certeza que ela tinha conhecimento sobre isso. Eu chamei a atenção disso no ar. A intenção da gente é sempre provocar uma reação por parte do alvo da reportagem. De ir lá consertar um problema, de resolver uma situação, de buscar uma solução.